O discurso do desejo na psicanálise de crianças e adolescentes*

Maria Elisabeth Cimenti**, Porto Alegre

Este trabalho aborda a questão do discurso do desejo na psicanálise e tenta demarcar a sua posição no trabalho com crianças e adolescentes. Define a criança como um ser inserido no universo da linguagem desde o nascimento e o brincar como uma forma de discurso sustentado pela palavra. Relaciona o brincar com o lugar onde poderá aparecer o desejo e onde, semelhante ao sonhar, este poderá vir a ser interpretado de acordo com a história de cada sujeito. Apresenta situações na qual o brincar fica impossibilitado devido a uma falha na estruturação do imaginário. A partir daí, reafirma a importância da experiência especular para a criança e para o adolescente, que se encontra em um período no qual o reordenamento da imagem corporal e do próprio imaginário levam ao reposicionamento do lugar do desejo.

Descritores: *Psicanálise infantil. O brincar. Experiência especular. Adolescência.*

* Trabalho originalmente apresentado no Encontro Luso-Brasileiro de Psicanálise, Salvador-BA, novembro de 2007.

** Psicanalista, membro efetiva da SPPA.

Uma diversidade de linhas teóricas dá sustentação à técnica da psicanálise na infância e na adolescência. Em alguns aspectos, essas teorias chegam a ser controversas, mas proporcionam significativos recursos ao analista e garantem um colorido especial a sua escuta e a sua prática. Neste trabalho pretendo descrever como os contornos teóricos foram se ordenando em torno da minha prática clínica com crianças e adolescentes. Mas proponho um delineamento conceitual tão somente panorâmico com vistas a fundamentar minha compreensão dinâmica dessas etapas e minha técnica analítica, na qual a questão do desejo e a palavra foram tomando maior importância.

Um interessante exemplo disso aconteceu em uma sessão com uma menina de cinco anos. Ela dava ordens para eu cumprir, falando propositadamente com a voz bem grossa. Mostrei-lhe que falava como um homem grande, para se sentir forte. Passado um instante, me diz: “Toma chá... (ri) Bem forte!” Penso por que essa menina de repente me dizia isso, se nunca antes havíamos brincado de tomar chá; o que desejava realmente dizer? Jogo com as palavras na minha cabeça e me encontro com algo surpreendente. Falo, então, para ela: “Tô macha... Bem forte!” Nesse momento, ela toma nas mãos uma vassoura, senta na cadeira de balanço e começa a rodear a vassoura entre suas pernas, enquanto se balança na cadeira levemente. Diz: “Tô mexendo o veneno.” Mostro-lhe, então, que se vê como uma bruxa, que tem uma vassoura para voar, que pode fazer venenos poderosos para o mal e que isso a faz sentir-se tão forte e poderosa como ela achava que os homens eram.

Esse recorte de sessão ilustra o sentido amplo que pode tomar o brincar em uma hora psicanalítica, incluindo os jogos de linguagem que se fazem presentes.

O tratamento na infância teve início com Hans, nosso Juanito. Freud (1909), através do pai do menino, realizou um atendimento visando, sobretudo, a comprovar as suas descobertas a respeito da sexualidade. Desde aí, principalmente com Melanie Klein, abriu-se uma frente de investigação das experiências infantis. O olhar da psicanálise, que inicialmente se dirigia para o adulto ou para o adolescente – que na época era encarado como adulto –, debruçou-se sobre a criança, definindo com maior precisão o valor desse período de desenvolvimento para a saúde mental do indivíduo. A partir de então, fica instituído o *brincar como a via régia para o inconsciente da criança*. Ao brincar, desenhar e dramatizar, ela está expressando o seu mundo interno, como tão bem pontuava a Sra. Klein. Brincar passa a ser uma forma de falar; e isso se estendeu para o adulto inclusive. Brincar tornou-se *coisa séria* para a psicanálise (Duarte, 2005). E mais, a partir

de Winnicott, o brincar passa a ser considerado como um modo de falar que, por si só, já seria terapêutico.

No entanto, sabe-se que, segundo alguns autores (Lacan, 1996; Mannoni, 1987; Eliachef, 1995; Dolto, 1991), a criança ao nascer já está inserida no universo da linguagem. Quando se recomenda às mães que conversem com os seus bebês porque isso para eles pode ser muito importante emocionalmente, há a suposição de que algum grau de compreensão da linguagem eles possuem. Quando sabemos que uma analista experiente como Françoise Dolto, na França, tratou bebês institucionalizados de poucos meses, que apresentavam sintomas físicos gravíssimos, falando-lhes sobre a sua história e esses mostraram melhora significativa em sua sintomatologia, somos obrigados a admitir que, de fato, a criança nasce imersa no universo da linguagem verbal. Qual será, então, o modo de comunicação possível para uma criança? *Apenas* brincando ela estará comunicando a sua subjetividade? É isso que pensamos ainda? O que visamos no tratamento de uma criança? Que problemáticas se colocam?

Mannoni (1987) salienta que, em cada caso, nos encontramos frente a uma história familiar e que a evolução da *cura* dependerá do modo como interpretamos as situações colocadas. A criança ocupa um lugar na fantasia de cada um dos pais e, muitas vezes, acaba profundamente alienada no desejo deles. Assim sendo, desde o início se faz imprescindível contar com os pais e com suas resistências. Sabemos que, na maioria das vezes, não somos assim tão bem recebidos pelas famílias que vêm à nossa procura porque necessitam de ajuda para um filho; em um certo sentido, somos intrusos naquela comunidade familiar, ainda que nossa presença tenha sido requisitada em função do sofrimento psíquico de um ou mais elementos da mesma.

Por outro lado, essa autora salienta que nós e nossa história pessoal estamos desde o início implicados na situação. Ao mesmo tempo que somos capazes, através de nossa própria história, de compreender a mensagem da criança, igualmente criamos resistências a ela. Somente com a consciência dessa teia histórica armada que reúne todos os personagens envolvidos em um tratamento de criança, conseguimos chegar a algum lugar. Esse lugar será o da palavra: a verbalização de uma situação dolorosa é que permitirá à criança dar algum sentido ao que vive. Mannoni (1987) indaga:

Qualquer que seja o estado real de deficiência ou de perturbação da criança, o psicanalista procura entender a palavra, que permanece condensada numa angústia ou cercada numa enfermidade corporal... Se a criança tem a

impressão de que todo acesso a uma palavra verdadeira lhe é vedado, pode em certos casos procurar na doença uma possibilidade de expressão. (p. 65)

Para essa autora, desde bebê a palavra do Outro tem importância significativa e, quando ele é reconhecido como um indivíduo, torna-se capaz de um discurso impressionantemente articulado. Mannoni (1987) retoma Lacan, para quem a história do desejo se organiza em um discurso que se desenvolve no insensato, e esse insensato não seria outra coisa senão o próprio inconsciente.

A criança de modo geral e, em especial, quando brinca, assim como o adolescente ou o adulto criativo, se encontra em maior intimidade com o seu inconsciente. Desde esse lugar, não importam as contradições e os afetos opostos. Sabemos que esse insensato inconsciente com suas condensações e seus deslocamentos cria expressões inusitadas. O insensato brinca, e é justamente desde esse lugar insensato – onde os contraditórios coexistem – que a criança brinca em um sonhar sem fim. Como no sonho, os mecanismos de condensação e deslocamento governam o brincar, ao mesmo tempo que a linguagem se expande, se transforma e se inventa, através de metáforas e metonímias presentes no falar.

Mannoni (1987) posiciona-se, destacando: “O jogo numa análise, deve ser compreendido não ao nível de uma experiência vivida [...], mas como um dos elementos ou acidentes do discurso que se mantém” (p. 22). A autora revisita o jogo do “fort-da”, relatado por Freud em 1920, no qual seu neto brinca com um carretel. No jogo, o menino diz “óóó” quando lança o carretel para longe e *da* quando o recupera. Mannoni assinala que o jogo significa a presença-ausência da mãe do menino, justamente porque no lugar da mãe surgiram essas expressões de linguagem que dimensionam simbolicamente a sua relação com ela. Dentro dessa perspectiva, o jogo é compreendido como um texto a ser decifrado, e a expressão lúdica é considerada simbólica, exatamente porque é acentuada por uma entonação ou uma palavra.

O esforço de retorno a Freud realizado por Lacan (1954) sedimentou o lugar da linguagem na psicanálise. O exemplo apresentado na abertura ilustra muito claramente a que ponto a fala e o jogo fazem parte de fato de um mesmo discurso, re-situando o lugar da palavra na psicanálise de crianças. *Toma chá* aparece como no sonho, através de deslocamentos metonímicos que se constituem em um disfarce fonético de *tô macha*, presente no inconsciente. Se brincar é uma forma de falar, por outro lado a fala em nosso insensato inconsciente pode ser brincadeira, à semelhança de um jogo sem contornos estritos. Quando a fala cria novos sentidos no brincar, ela por si pode se constituir em um jogar. Logo, o jogo em psicanálise aproxima-se muito do sonhar, já que nela toda figurabilidade

presente, assim como a fala, está comprometida com um texto que poderá ser traduzido em sua interpretação.

A partir da afirmação de Freud (1918), segundo a qual “sonhar é outra maneira de lembrar” (p. 71), poderíamos analogamente considerar o brincar em sessão como um modo de rememorar, para reordenar os sentimentos e as experiências infantis precoces, bem como as convicções que daí se originam. Seria uma forma de ressignificar os cenários internos constituídos até então, buscando novos sentidos e novos destinos. Mas há todo um desenvolvimento que o infans precisa fazer para chegar ao brincar.

O acesso à realidade se dá através da própria constituição do sujeito e não ocorre de imediato após o nascimento. Peña (1991) coloca que se chega à realidade através de uma construção triádica, referindo-se aos três registros enunciados por Lacan. O Real seria o suporte com relação à estruturação do Imaginário e do Simbólico; se situaria na etapa auto-erótica, durante a qual se constituem as zonas erógenas, mas ainda não há representações. É o impossível. A passagem para o Real – Imaginário já se daria com o apoio das zonas erógenas, que possibilitam a estruturação das primeiras representações. Esse seria o estágio do espelho – experiência necessária para a passagem ao terceiro momento, que seria do Real – Imaginário – Simbólico, quando, só então, entra em jogo a palavra. Assim se constitui a realidade representacional do sujeito, que não é outra coisa senão uma representação construída do real em-si, que nunca chega a ser apreendido em sua totalidade. Portanto, o Real e a realidade são dois opostos que se tangenciam através das representações. E essas representações, construídas no imaginário e nomeadas no simbólico, possibilitam que a transferência se delineie sinuosamente nas sessões analíticas reeditando as experiências precoces até o indizível.

Um exemplo interessante deu-se no tratamento de um menino de quatro anos. Ele passou algumas sessões a reclamar aos gritos que alguém o tirasse do consultório, pois queria ir-se. Em certa sessão na qual isso acontecia, em dado momento, parou de gritar e solicitou ir ao banheiro. Este ficava no corredor que dava para a saída do consultório. Disse-lhe que tudo bem, desde que não gritasse fora da sala, porque lá dentro é que era o lugar de essas coisas aparecerem. Ele concordou e saiu. Poderia ter tranquilamente escapado pelo corredor até a saída, mas não o fez. Foi em silêncio ao banheiro e, na volta, após eu fechar a porta, imediatamente reiniciou seu *desesperado pedido* aos gritos.

Ele sabia que ali *essas coisas* podiam aparecer; ali, seria dado um significado para elas. Ele queria que o tirassem de um lugar no qual se via encerrado na relação materna e, em consequência disso, na transferência. Fora da sala, não vigorava mais o protesto de confinamento transferencial.

O paradoxo transferencial constitui-se entre o verdadeiro e o Real. É verdadeiro para o sujeito, embora ele saiba que é a sua realidade tão somente subjetiva. É Imaginário. A transferência pode ser aceita como verdadeira, mas isso somente é possível se soubermos que é a “imaginarização” do Real e não o Real em si. Quando as manifestações da transferência puderem ser reconhecidas como verdadeiras para o sujeito, mas imaginárias, aí se torna possível compreendê-las simbolicamente. Brincar torna-se possível quando as crianças não mais reagem simplesmente ao comportamento do outro, mas são capazes de pensá-lo como expressão de um registro do Imaginário e lhe atribuir um significado simbólico. Isso marca o desenvolvimento da relação entre os indivíduos e do homem enquanto sujeito da ação, com possibilidade de troca e não de aprisionamento.

Entretanto, a possibilidade de brincar pode estar afetada, em casos nos quais ocorrem falhas nas funções de síntese do eu. Lacan (1954) afirma que ausência de atenção, agitação inarticulada, distúrbios de sono e sinais de retardo no desenvolvimento infantil – fenômenos que podem conduzir a uma psicose – muitas vezes têm suas causas em falhas na estruturação da função imaginária do eu; essa função se constitui no primeiro tempo do complexo de Édipo segundo sua visão e corresponde ao período da especularidade.

No florescer do narcisismo primário, a criancinha, que, na verdade, reedita e espelha o narcisismo dos pais (Freud, 1914), vivencia o que Lacan (1949) chama de *estádio do espelho*, já mencionado acima. Antes disso o ser humano teria apenas uma imago mítica de um corpo despedaçado, desarticulada e desconexa. O estágio do espelho possibilita a formação de uma imago de corpo unificada que, embora seja constitutiva da futura estrutura mental do eu, aliena o indivíduo na medida em que é descoberta lá fora, no espelho, e não em seu próprio corpo. Aí se descortina para ele uma *gestalt* reconhecida pela mãe como sendo dele e como perfeita. Nesse estágio, ainda não existe um sujeito, mas alguém assujeitado que depende do desejo de sua mãe e dessa imago que é encontrada fora dele, no espelho. Será a partir daí que o sujeito começa a estruturar o seu eu, exatamente quando inicia a construção do registro imaginário. Ele se reconhece inicialmente como o falo da mãe, aquele que a completa e a preenche em seu desejo, formando com ela uma totalidade narcísica. Ele é o objeto de desejo da mãe, e esse sentimento sustenta a sua imago corporal, que seria a sua unidade especular imaginária.

Lembro do caso de um menino, cuja mãe, no puerpério, sofreu uma depressão psicótica. Mais tarde, ele estando em tratamento, pede à terapeuta um espelho para ter no material de sua caixa. A partir de então costumava brincar de ser um banco de aplicações que visava ao resgate de crianças abandonadas, sempre com o espelho a sua frente, olhando-se nele a todo o momento e conferindo se a

terapeuta também o olhava. Costumava, ainda, ao recolher seu material, colocar o espelho na caixa por último, de modo que via a si mesmo no espelho sempre que finalizava ou iniciava a sessão. Quando certo dia se encerrou sua sessão, disse: “Quem tem espelho, tem! Quem não tem espelho, não tem! Quem tem espelho, tem... Quem não tem, não tem!”. E se vai dizendo isso.

Ele pode ter razão: quem tem, tem; quem não tem, não tem. Inadvertidamente, ou nem tão inadvertidamente, esse menino colocou uma questão dilemática, que Lacan (1999, p.192) chama de *ponto-referencial* – a questão do Ser e do Ter. Em cada caso a criança mantém uma medida quanto à sua identificação com o falo. O autor considera essa configuração nodal. No plano imaginário seria ela: ser ou não ser o falo, – aquele objeto que preencheria a falta na mãe. Salienta que há um passo considerável entre essa posição e aquela em que, tendo passado pela castração, a criança se enfrenta com o ter ou não ter o falo. Explica que, para tê-lo, antes tem que ter vivido o não tê-lo, de maneira que, para chegar a ter o falo, antes precisa vivenciar a possibilidade de ser castrado. Mas essa posição só se torna possível se o seu imaginário estiver bem estruturado. “Isso equivale a dizer que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária” (Lacan, 1996, p.137).

Se uma criancinha consegue constituir bem o seu imaginário, poderá buscar seus espelhos ao longo da vida, “imaginarizar” suas experiências, povoá-las de fantasias sem temê-las. Experiências especulares muitas vezes dominam o funcionamento do sujeito, mesmo quando ele já atingiu outros estados mais avançados de evolução, nos quais o simbólico já se constituiu a partir da entrada do pai na relação entre a mãe e seu rebento.

Quando, no estágio do espelho, o narcisismo não se estrutura de modo coeso em uma *gestalt* através dessa specularidade, a função imaginária apresenta falhas e inevitavelmente surgirão graves problemas no futuro dessa criança. Um menino de onze anos, diagnosticado como borderline grave, em certa sessão, enquanto construía com arame o corpo de uma aranha que tomava características de uma pessoa, comentou: “Eu tava no ônibus e tive uma coisa na minha mente. É, não foi no meu corpo, foi na minha mente. Eu tive que nem um flash, sabe? Que nem uma lembrança que eu queria esquecer, mas aí eu lembrei... Lembrei de um amigo meu da minha primeira escola, lembrava que o nome dele era X, mas não conseguia lembrar dele. E lembrava também de uma outra amiga, só que eu lembrava dela, mas não conseguia lembrar do nome dela. (Pausa) Eu nunca mais vi eles...”.

Poderíamos pensar que esse menino apresenta de modo até caricatural uma forma de despedaçamento do eu que aparece na desarticulação das relações com

suas lembranças. Podem, evidentemente, existir muitas formas de vivências que dificultam o sentimento de uma imago unificada de si mesmo e, nestes casos, ocorre invariavelmente uma sensação de profunda desorganização do eu.

Em certas fases do desenvolvimento, como na puberdade, se torna comum a experiência desses sentimentos de despedaçamento. A desproporção física característica do crescimento abrupto é responsável pelo abalo em sua imago de próprio corpo. Por isso Penot (2005) sublinha que a crise adolescente provocará, antes de tudo, “um reviramento das referências imaginárias” (p. 66). O novo corpo não é harmonioso como o da imago especular. É discrepante e estranho para ele próprio. Costumamos dizer que, nessa fase, o jovem fica *desengonçado*. Tais sensações, acompanhadas de expressões de onipotência compensatórias, típicas do narcisismo especular, demonstram o quanto essas etapas muito primitivas se fazem sentir nesse momento e têm repercussões na compreensão da problemática desse período.

O que acontece na fantasia do adolescente – ainda ligado à imago especular sustentada pelo desejo da mãe – quando o seu corpo real modifica o seu estatuto, conforme define Rassial (1999), ao se constituir em um corpo adulto? Quando o corpo do adolescente sofre essas modificações, que consequências advêm em seu psiquismo? Aí se abre um complexo jogo identificatório, no qual o olhar – tal como no estágio de formação da imago especular – é fundamental. O sujeito é convocado a realizar um reordenamento profundo em seu eu.

Lacan (1954), no Livro 1, pergunta-se sobre o que seria o eu: “O eu, o que é que é?” (p. 126) e responde a essa questão afirmando que o eu não corresponde a instâncias homogêneas. “Um são realidades, outras são imagens, funções imaginárias” (p. 126). Trata-se, então, de imagos de si virtuais ou reais, nas quais a pessoa se experimenta e, na medida do possível, simboliza. Este eu se rearticula muitas vezes. Na adolescência, poderá gerar circunvoluções importantes na relação consigo mesmo e com o outro, na qual sua imago de corpo se refaz.

O adolescente torna a ver-se às voltas com a questão do olhar e do especular, mas agora experimenta algumas particularidades. Ao olhar-se no espelho, vê sua imagem contaminada pela imago de corpo infantil que construiu no estágio do narcisismo primário, impregnada pelo desejo de sua mãe e pelo júbilo da descoberta de si mesmo em uma *gestalt*. Busca no espelho, ainda, a imago da criança perfeita, cujos pais eram vistos como *suas majestades*. Dá-se o predomínio do imaginário sobre o real. Se essa imago representa um protótipo imaginário de completude, no qual encontrou uma possibilidade de conquistar o sentimento de ser alguém, como chegar simplesmente a se desfazer dela? Ao ver-se no espelho, contempla

essa imago que está colada ao que vê. Lá está ela, mesmo que seu corpo real tenha se transformado em um outro corpo.

Por outro lado, o corpo adolescente transformado é visto por outros adolescentes e outros adultos de acordo com o que ele é no real. Desperta no outro o desejo e aciona o imaginário deste. Rassial (1999) assinala a importância e os efeitos que isso tem sobre o jovem, pois se abre para ele uma nova relação com seu próprio corpo. Aí se descortina a alameda da sedução e do fetiche. Os adolescentes se olham, se admiram e redescobrem o universo de atração que constitui o seu corpo para o outro. Abre-se para ele um novo universo, não a partir do que vê ao se olhar no espelho, mas no SER-visto. Estabelece-se uma diferença importante entre olhar-se e ser visto. Ao olhar-se, vê sua imagem dominada pelo corpo infantil, confrontando-se com o seu corpo real atual; ao ser visto, capta no olhar do outro a imagem de um corpo adulto, que reconhece como seu. Assim, através do olhar de outro sujeito sobre o seu corpo, cria-se a possibilidade de reapropriação de uma imago do eu, reafirmando um sentimento de ser alguém que estava perdido. O ser visto passa a ressignificar o corpo adolescente como um corpo adulto. É visto pelo outro com um corpo adulto, que desperta desejos sexuais adultos e, a partir de então, joga com isso dentro de todo o paradoxo que acompanha o adolescente.

Seguidamente vemos desfilar uma mulher estupenda, com curvas espetaculares, aparentemente alheia aos olhares que desperta, mas provocando justamente o que vai lhe reassegurar que valeu a pena ter crescido e que pode abrir mão de seu corpo infantil. Entretanto, se falarmos com essa mulher, descobriremos uma menina assustada com o que é capaz de provocar no outro, embora fascinada pelo fascínio que desperta nele. Inicia-se um jogo de reflexos de proporções calculáveis de acordo com a estrutura narcísica alcançada na construção da imago especular precoce e de acordo com o ideal de ego que construiu aquele ou aquela adolescente. Além disso, esse jogo reflexivo reposicionará o próprio ideal de ego do sujeito. É muito comum ouvirmos um adolescente dizer que está com a aparência terrível por causa de uma espinha, e isso ser motivo de grande infelicidade para ele, quando anos depois o mesmo fato não lhe causará maiores transtornos, uma vez que tenha retomado seus valores em ideais intelectuais ou de outra ordem.

O adolescente, porém, ainda que esteja às voltas com essas questões ligadas à sua idealidade, já descobriu que seu pai não pagou o aluguel ou foi injusto com seu irmão. Os pais de “sua majestade, o bebê” já perderam sua grandeza. Os efeitos do real já se fizeram sentir sobre o imaginário, embora muitas vezes tenham sido renegados para manter a segurança da redoma narcisista. Descortina-se, assim,

um conflito geracional inevitável nessa etapa, na qual o diferente se instituiu mais marcadamente a partir do próprio corpo. Tudo isso redefine o sentimento de ser.

É claro que essa resolução na subjetividade do sujeito poderá ter muitas versões, e aí surgem as patologias da adolescência ligadas à reconstrução da imagem, tão comuns em nossa época, tal como as anorexias ou as psicoses ou os problemas de conduta ou as depressões. Ademais, é possível que nesta fase se definam as futuras patologias adultas, conforme cogita Penot (2005).

O corpo adolescente constitui-se, portanto, em palco de acontecimentos profundos da psique humana, reeditando antigos textos através de novas roupagens, novas interpretações e, assim, projetando a reconstrução de um eu mais centrado na própria subjetividade, quando *tudo corre bem*. No entanto, hoje sabemos mais do que nunca que as bases da possibilidade reconstrutiva adolescente se dá na estruturação de um imaginário que sustente uma capacidade para sonhar os sonhos da vida sem tanto medo.

Destaca-se assim, a importância do imaginário nas manifestações da infância e da adolescência, cujo discurso é sumariamente o discurso do desejo. Por isso se faz imprescindível perguntarmo-nos por onde anda o desejo daquele sujeito que se expressa à nossa frente. E mais, não seria esse o foco de nosso trabalho enquanto analistas, frente a todo sujeito que nos busca para obter alguma forma de cura? O desejo, esse companheiro que não pára, que está sempre em busca, que nos alimenta a vida, mas que pode igualmente nos levar à loucura, a atos que consideraríamos loucos? Por onde ele anda dentro de cada um de nós? Onde está nosso desejo enquanto analisamos? Onde se encontra o desejo de nossos analisandos?

Essa é uma cifra difícil de se traduzir, porque sabemos que é errática, fugidia, ela não pára. Nossa sociedade capitalista sabe muito bem disso. Sempre desejamos algo a mais. Todavia, é no encontro desse discurso que, enquanto analistas, devemos empenhar-nos: o discurso do desejo do sujeito, seja ele criança, adolescente, ou mesmo adulto, porque aí está o seu eu mais genuíno, o eu do sujeito do inconsciente. Desde aí, considerando que o inconsciente se organiza como a linguagem, regido por deslocamentos e condensações, tal como a linguagem se constrói por metonímias e metáforas, pode-se concluir que o desejo é causa e efeito da linguagem e que é na palavra do sujeito que se encontra o discurso do desejo, a palavra verdadeira. □

Abstract

The desire discourse in children and adolescents psychoanalysis

This paper approaches the question about the speech of desire in psychoanalysis, and tries to mark its position in the analytical work with children and adolescents. It defines the child as a being inserted in the universe of language since birth, and the playing as a way of speech supported by the word. It relates playing with the place where desire may appear and where, similar to a dream, it may be interpreted according to each person's history. It presents situations in which playing becomes impossible due to a flaw in the imaginary structuring. And, from then on, it restates the importance of mirror experience to the child and to the adolescent, who finds himself in a period when the body image is being reorganized, as well as the imaginary itself, leading to the repositioning of the place of desire.

Keywords: Child psychoanalysis. playing. Mirror experience. Adolescence.

Resumen

El discurso del deseo en el psicoanálisis de niños y adolescentes

En este trabajo se aborda la cuestión del discurso del deseo en el psicoanálisis y se trata de delimitar su posición en el trabajo con niños y adolescentes. Se define al niño como un ser incluido en el universo del lenguaje desde el nacimiento, y el juego como una forma de intervención sostenido por la palabra. Se relaciona el juego con el lugar donde el deseo puede emerger y donde, de forma similar al soñar, esto podría ser interpretado en conformidad con la historia de cada sujeto. Se presentan situaciones en las que el juego no es posible debido a una falla en la estructuración de lo imaginario. Desde entonces, se reafirma la importancia de la experiencia especular para el niño y el adolescente, que se encuentra en un período en que el reordenamiento de la imagen corporal y del propio imaginario lleva a la reubicación del lugar del deseo.

Palabras llave: El psicoanálisis infantil. juego. La experiencia especular. Adolescencia.

Referências

- DOLTO, F. & NASIO, J. (1991). *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DUARTE, I. (2005). *Brincar é coisa séria*. Curso Ministrado no XX Congresso Brasileiro de Psicanálise. Brasília-DF.
- ELIACHEFF, C. (1995). *Corpos que gritam*. São Paulo: Ática
- FREUD, S (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.13-154.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 85-119.
- _____. (1918). História de uma neurose infantil. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p 13-153.
- LACAN, J. (1949). *Escritos*. Rio de Janeiro:Zahar, 1998.
- _____. (1954). Os escritos técnicos de Freud. In: _____. *O lobo, o lobo. O Seminário. Livro 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.107-127.
- _____. (1954). Os escritos técnicos de Freud. In: _____. *Sobre o narcisismo. O Seminário. Livro 1*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996., p. 121-139.
- _____. (1958). As formações do inconsciente. In: _____. *Os três tempos do Édipo. O Seminário. Livro 5*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 185-203.
- MANNONI, M. (1987). *A criança, sua doença e o outro*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- PEÑA, E. P. (1991). La teoría analítica desde Freud a Lacan. *Revista de Psicoanálisis de la APA*. v 48, n 3, p. 437-453.
- PENOT, B. (2005). *A paixão do sujeito freudiano*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- RASSIAL, J-J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- WINNICOTT, D. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 269-286.

Recebido em 04/08/2008

Aceito em 24/07/2009

Maria Elisabeth Cimenti

Rua João Abott, 319/401,

90430-130 – Porto Alegre – RS – Brasil

email: bethcimenti@hotmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA

A *Revista de Psicanálise* da SPPA tem por objetivo publicar trabalhos teóricos e clínicos originais de psicanálise bem como suas interfaces com a cultura e saberes contemporâneos.

Linha Editorial

A *Revista de Psicanálise* da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre é uma revista de psicanálise com artigos avaliados por pares de forma totalmente anônima (*peer-reviewed*) que recebe contribuições inéditas ou originais no país de artigos que versem sobre teoria e técnica psicanalítica, história da psicanálise, comunicações clínicas psicanalíticas, temas de educação e profissão psicanalítica, pesquisa e metodologia para a pesquisa psicanalítica e estudos interdisciplinares com ênfase em psicanálise.

Data de impressão: agosto de 2009

Tiragem: 500 exemplares

R 454 Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre /
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. – Vol. XVI, nº 2 (ago., 2009)
– Porto Alegre: SPPA, 1993 –

Quadrimestral

ISSN 1413-4438

1. Psicanálise – Periódicos I. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

CDU: 159.964.2 (05)
616.89.072.87 (05)

CDD: 616.891.7

Bibliotecária responsável: Rosângela Broch Veiga
CRB 10/1734

Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802
90010-210 - Porto Alegre-RS
Tel. 051 3228-7583 / Fax 051 3224-3340
E-mail: revista@sppa.org.br
Homepage: www.sppa.org.br

Revista de Psicanálise

da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Indexada nas bases: LILACS/BIREME desde 1997
PsycINFO, Psychoanalytical Abstract e CLASE

Homepage: www.sppa.org.br
Volume XVI – Nº 2 – Agosto – 2009

Editor

Zelig Libermann – zliber@terra.com.br

Editores Associados

- Executivo: Flávio de Oliveira e Souza – flavio.de.souza@terra.com.br
- Redação: Tula Bisol Brum – tulabrum@terra.com.br
- Seções Especiais e Entrevistas: Rosane Schermann Poziomczyk – pozio@uol.com.br

Conselho Editorial

- Lúcia Thaler
- Luísa Maria Rizzo
- Luíza Olga Luderitz Hoefel
- Magali Fischer
- Neusa Knijnik Lucion
- Patrícia Fabrício Lago
- Regina Orgler Sordi

Conselho Consultivo

- Anette Blaya Luz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Carlos Gari Faria
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Carmen Médici de Steiner
Associação Psicanalítica do Uruguai
- César Luís de Souza Brito
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Clara Rosa Nemas de Urman
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Elias Mallet da Rocha Barros
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Elizabeth T. de Bianchedi
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Joel Nogueira
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Jorge L. Ahumada
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- José Carlos Calich
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Juan Francisco Jordán Moore
Associação Psicanalítica do Chile
- Julio Moreno
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Leopold Nosek
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Maria Aparecida Quesado Nicoletti
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Maria Olympia de A. F. França
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Mauro Gus
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Ney Couto Marinho
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
- Norberto C. Marucco
Associação de Psicanálise da Argentina
- Paulo Fonseca
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Paulo Henrique Favalli
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Plínio Montagna
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Raquel Zak de Goldstein
Associação de Psicanálise da Argentina
- Ricardo Bernardi
Associação Psicanalítica do Uruguai
- Robert Michels
Associação Psicanalítica Americana

Conselho Consultivo (cont.)

- Virgínia Ungar
Associação Psicanalítica de Buenos Aires

Conselho de Revisores

- Alice Becker Lewkowicz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Alirio Torres Dantas Junior
Sociedade Psicanalítica do Recife
- Arnaldo Chuster
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro
- Bruno Salésio da Silva Francisco
Sociedade Psicanalítica de Pelotas
- Cássia Nuevo Barreto Bruno
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Cibele Maria de Baptista Brandão
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Cláudio Laks Eizirik
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- David Epelbaum Zimmerman
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Eneida Iankilevich
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Flávio Rotta Corrêa
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Germano Vollmer Filho
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Isaac Pechansky
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Juarez Guedes Cruz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Jussara Schestatsky Dal Zot
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Luciane Falcão
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Luiz Carlos Mabilde
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Marina Massi
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Marlene Silveira Araujo
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Nilde J. Parada Franch
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Paulo Fernando B. Soares
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Raul Hartke
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roaldo Naumann Machado
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roberto Cunha
Sociedade Psicanalítica de Paris
- Roberto Gomes
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Roosevelt Moises S. Cassorla
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
- Ruggero Levy
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Samuel Zysman
Associação Psicanalítica de Buenos Aires
- Sérgio Lewkowicz
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
- Viviane Sprinz Mondrzak
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

Secretária Executiva: Rosângela Broch Veiga
Revisão: Clotilde Favalli • **Capa – Arte:** Liziane Leite Cruz
Composição: Luiz Cezar F. de Lima • **Impressão:** Gráfica Editora Pallotti